



Marca INPI: N°668549

ISSN: 2975-8181



Número: 2

Revista Portuguesa de Terapia Ocupacional
Portuguese Journal of Occupational Therapy
✉ rpto@ipleiria.pt

DOI: <https://doi.org/10.25766/ez8y-q166>

Data de publicação: Jun 2026



ESCOLA SUPERIOR
DE SAÚDE

Mel com Fel: um estudo sobre a Representação Social do Idoso em Jovens Residentes em Lisboa e no Alentejo

Ana Paula Martins

Escola de Saúde do Instituto Politécnico de Beja, Portugal
 <https://orcid.org/0000-0003-1394-4038>
✉ anapmartins@ipbeja.pt

Maria do Céu Fialho

Hospital José Joaquim Fernandes, Portugal
✉ ceu_fialho@hotmail.com

Luís Salvador

Centro Hospitalar Universitário do Algarve, Portugal
✉ luis.f.salvador13@gmail.com

Susana Pestana

Escola de Saúde do Instituto Politécnico de Beja, Portugal
 <https://orcid.org/0000-0001-6102-4725>
✉ susana.pestana@ipbeja.pt

Resumo:

Partindo da relevância que a literatura emprega, objetivou-se compreender, numa população jovem, os significados que marcam a fase do envelhecer, isto é, de que forma envelhecemos e qual a representação mental desse envelhecimento. A principal base deste estudo é desenvolvida no âmbito da Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici. Sentiu-se a necessidade de analisar o pensamento da população jovem acerca do conceito do envelhecimento, através da aplicação do estímulo indutor "Idoso". Para tal, foram recolhidos dados na região do Alentejo e Lisboa. Sendo o presente estudo de natureza qualitativa, para realizar a análise dos dados, recorreu-se aos conhecimentos desenvolvidos por Abric, Moscovici e Vergés. Foram entrevistadas 190 pessoas, incluídas no espectro dos 10 aos 24 anos de idade, tanto do sexo masculino como do sexo feminino (Me = 16 anos). Após homogeneização e análise de conteúdo dos termos evocados (788 evocações), reuniram-se 14 subcategorias (Ciclo vital, Modificações Fisiológicas e Biológicas, Dependência / Independência Funcional, Saúde e Doença, Cognição, Características de personalidade, Componentes Emocionais, Comportamentos e Atitudes, Família, Estatuto Social, Inclusão/Exclusão Social, Isolamento Social, Proteção Social, Aspetos Culturais). Assim, identificaram-se como elementos centrais os conceitos Estatuto Social, Ciclo Vital e Isolamento Social.

Palavras-chave: Representação Social; Estereótipos; Técnica de Evocação livre; Idoso; Jovem.

Abstract:

Based on the relevance that literature employs, the objective was to understand, in a young population, the meanings that mark the aging phase, that is, how we age and what is the mental representation of this aging. The main basis of this study is developed within the scope of Serge Moscovici's Theory of Social Representations. There was a need to analyze the thinking of the young population about the concept of aging, through the application of the inducing stimulus "Elderly". To this end, data were collected in the region of Alentejo and Lisbon. Since the present study was of a qualitative nature, to carry out the data analysis, the knowledge developed by Abric, Moscovici and Vergés was used. 190 people were interviewed, included in the spectrum from 10 to 24 years old, both male and female (Me = 16 years old). After homogenization and content analysis of the evoked terms (788 evocations), 14 subcategories (Life cycle, Physiological and Biological Modifications, Functional Dependence / Independence, Health and Disease, Cognition, Personality characteristics, Emotional Components, Behaviors and Attitudes) came together Family, Bylaws, Social Inclusion / Exclusion, Social Isolation, Social Protection, Cultural Aspects). Thus, the concepts of Social Statute, Life Cycle and Social Isolation were identified as central elements.

Keywords: Social Representation; Stereotypes; Free Evocation Technique; Elderly; Young.

1. Introdução

O envelhecimento pode ser entendido como um processo dinâmico e progressivo, caracterizado tanto por alterações morfológicas, funcionais e bioquímicas, quanto por modificações psicológicas. Essas modificações determinam a progressiva perda da capacidade de adaptação ao meio ambiente, ocasionando maior vulnerabilidade e maior probabilidade de incidência de processos patológicos [1].

O ciclo da vida é igual para todos os seres vivos. Todos nascem, crescem, amadurecem, envelhecem e morrem. Envelhecer é tão natural como qualquer outra fase da vida e as mudanças ocasionadas pelo envelhecimento requerem adaptações e mudanças de hábitos, pois surgem novas situações e experiências [1]. Para que o envelhecimento seja uma experiência positiva, uma vida mais longa deve ser acompanhada de oportunidades contínuas de saúde, participação e segurança [2]. De acordo com a teoria curso de vida (Life Span), o envelhecimento faz parte do trajeto de vida de cada indivíduo e é composto por ganhos e perdas [3]. Existe um desenvolvimento constante e progressivo, sendo influenciado socialmente por ideais, valores, crenças e pela história pessoal de cada pessoa [4]. Assim, é consensual que o processo de envelhecimento humano varia de pessoa para pessoa, considerando-se que não há um "idoso típico", ou seja, a idade não define a personalidade ou qualquer característica pessoal. Cada sujeito deve ser considerado com as suas particularidades, de forma a evitar generalizações e estereótipos relativos a esta população, que possam interferir negativamente, na sua condição de vida [5]. O seu cariz individual e universal mostra que envelhecer é irreversível, contudo, a velhice, enquanto processo, varia consoante a história e o percurso de vida do idoso, sendo o tempo e a experiência fatores que condicionam a sua diversidade, não esquecendo nunca, a importância dos aspetos culturais [6,7]. A regulação desta etapa da vida está associada à vulnerabilidade social (8), não obstante, as formas de viver a velhice podem ser bastante diversificadas, quer em termos de condições materiais e mobilização de apoios, quer em matéria de visão subjetiva do envelhecimento. Como demonstraram diversos estudos [9], os séniore estão longe de constituir um grupo uniforme, abrigado sob a etiqueta institucional e pejorativa de "idoso".

Estudos sobre o envelhecimento em diferentes culturas são utilizados para demonstrar diferentes experiências de envelhecer [10,11] e questionam a universalidade da visão ocidental que representa a velhice com as ideias de deterioração e perdas. Esses estudos também contribuiriam para ver a velhice e o envelhecimento, não só como fenómenos biológicos e naturais, mas também como fenómenos profundamente influenciados pela cultura. Em certas sociedades, em especial as orientais, o envelhecimento é compreendido mais em termos de aquisição e progresso, sendo os idosos respeitados pelos conhecimentos que adquiriram ao longo da vida e pelos ensinamentos que podem dar aos mais jovens. Estudos feitos em diversos grupos de sociedades primitivas [12], comprovaram o quão variadas são as elaborações culturais referentes ao envelhecimento, reforçando o quanto esse processo, naturalmente de ordem biológica, é representado cultural e socialmente, ressaltando a forma como as sociedades ocidentais historicamente lidam com o fenómeno. Marcadamente individualistas, narcísicas, exibicionistas e pouco solidárias, nessas sociedades o envelhecimento é investido de valores negativos, tornando o velho, a velhice e o envelhecer algo indesejável e gerador de sofrimento. Enquanto a juventude é fortemente exaltada, a velhice é excluída e estigmatizada, basta ver que, numa sociedade capitalista, o velho perde o seu poder como produtor de bens e riquezas e como consumidor e, conseqüentemente, perde valor social. A velhice e o envelhecimento situam-se na contracorrente de uma sociedade centrada na produção, no rendimento e no dinamismo, que prioriza a força jovem no mercado de trabalho e descarta aqueles que são considerados "velhos ou ultrapassados" [13]. Considerando diferentes contextos culturais, a forma de pensar e, conseqüentemente, o comportamento de cada indivíduo perante determinada situação, será certamente diferente. O que molda as nossas atitudes pessoais em relação às pessoas mais velhas, são uma variedade de valores e normas pessoais/sociais que afetam diretamente a maneira como nos relacionamos e respondemos aos outros [14,16].

Desde algumas décadas que a literatura tem reportado uma panóplia de rótulos pejorativos, relativamente a esta fase de vida, devido a uma visão negativa da condição de ser idoso [14,17]. Estes são vítimas de discriminação, sendo o reconhecimento e a percepção das suas capacidades condicionadas por estereótipos, em grande parte, negativos [18]. Dos estudos desenvolvidos sobre a temática, emerge no final dos anos 60 o termo ideatismo, que se refere às atitudes e práticas negativas generalizadas em relação à idade dos indivíduos. Comporta valores culturais e práticas institucionais do ser humano, apresentando-se como uma atitude negativa coletiva. Salientam-se ainda, a proteção e a ajuda excessiva, como uma atitude negativa que pode fomentar a incapacidade e dependência nos idosos [19]. Ressalta-se três componentes importantes que

acompanham as atitudes idadistas em relação aos idosos: (a) os idosos são vistos como um grupo homogêneo e são caracterizados com traços negativos no que se refere a incapacidade e doença; (b) estão associadas ao preconceito e aos sentimentos desenvolvidos em relação aos idosos, podendo surgir mascarados, por um lado, sob a forma de piedade e paternalismo e, por outro, através de sentimentos de desdém; (c) tem uma componente comportamental, que se relaciona com a discriminação do idoso. Sobre esta temática, foi realizada em 2019 uma revisão sistemática da literatura [20], onde ficou evidenciado que, na maioria dos estudos realizados em países desenvolvidos, persiste uma atitude negativa relativamente aos idosos, sendo de salientar que estas atitudes negativas prevalecem, maioritariamente, em indivíduos do sexo masculino.

Partindo da relevância que a literatura emprega, objetivou-se compreender, numa população jovem, os significados que marcam a fase do envelhecer, isto é, de que forma envelhecemos e qual a representação mental desse envelhecimento. A principal base deste estudo é desenvolvida no âmbito da Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici. Existem diversas pesquisas [21] que veem esta teoria como uma estrutura concetual flexível que permite entender e explicar a maneira como os indivíduos e grupos elaboram, transformam e comunicam a sua realidade social. As representações sociais apresentam uma dimensão funcional e prática que acaba por ser evidente na organização dos comportamentos, das atividades comunicativas, na argumentação e na explicação quotidianas e na diferenciação dos grupos sociais [22]. Diariamente, na interação humana, ao conversar e pensar sobre determinados contextos, criamos as nossas próprias representações, estas constituem-se numa forma de conhecimento, socialmente elaborado e partilhado, com um objetivo prático, o de contribuir para a construção de uma realidade comum a um conjunto social [23]. A teoria das representações sociais atua na dinâmica entre o conhecimento de senso comum e o conhecimento científico, permitindo-nos identificar o que diz o senso comum a respeito de um determinado conhecimento e compará-lo com o conhecimento científico [24], ajudam-nos a dominar o nosso ambiente e a compreender e explicar os factos e ideias que preenchem o nosso universo. No que respeita aos fatores que a sustentam e se encontram na sua génese, são mencionadas duas faces inseparáveis, uma figurativa e outra simbólica, descritas através de processos de objetivação e ancoragem [25]. A objetivação corresponde à forma como se organizam os elementos constituintes da representação e ao percurso através do qual tais elementos adquirem materialidade e se tornam expressões de uma realidade pensada como natural [22, 25]. Por outras palavras, objetivar consiste na passagem do abstrato para algo real e quase concreto, mais precisamente, é transferir o que está na mente em algo que existe no mundo físico. Já a ancoragem é como uma espécie de ponto de referência para a construção da representação, ou seja, assenta no princípio da familiaridade, dotando de sentido o objeto que se apresenta à nossa compreensão. [23, 25, 26] acrescenta que ancorar é encontrar um lugar para encaixar o não familiar, é pegar no concreto e atribuir-lhe um sentido, é classificar e dar nome a alguma coisa, coisas que não são classificadas e que não possuem nome. A estrutura das representações sociais [27] configura-se em três elementos fundamentais: (a) informação - nome e organização dos conhecimentos sobre o objeto de representação. Com base na quantidade de informação é possível discriminar e descrever níveis de conhecimento quanto ao objeto e à qualidade dessa mesma informação; (b) atitude - expressa a orientação global, positiva ou negativa, face ao objeto da representação. É um elemento fundamental e o mais afetivo da representação porque, primeiro informa-se e representa-se alguma coisa para, posteriormente, se tomar uma posição; (c) campo de representação - conteúdo concreto e limitado das asserções sobre um aspeto preciso do objeto de representação. Na representação social existem elementos centrais à volta dos quais esta se organiza [28], de acordo com a teoria do núcleo central, cuja estrutura contém um sistema central e outro periférico, dependentes um do outro, e que influenciam as tomadas de posição individuais e grupais. O sistema central é condicionado pela história do grupo, pelas referências ideológicas e normativas e pela memória coletiva. Tem uma função consensual, é estável, coerente, resistente às mudanças, assegurando a continuidade e a permanência da representação [29]. O sistema central é pouco evolutivo e flexível, permitindo a regulação e adaptação à realidade na qual o grupo está ordenado. A partir do núcleo central determinam-se as funções dos elementos periféricos [29, 30]. Estes permitem às representações ancorar-se na realidade do momento e protegem o núcleo central para que possam ser transformados sem que haja uma mutação do conteúdo fundamental. Enquanto as representações sociais são consensuais nos seus núcleos centrais, os elementos periféricos consomem diferenças interindividuais. Por isso, dois grupos podem ter a mesma representação de um objeto no núcleo central, variando a representação nos elementos periféricos. O núcleo central contém duas funções importantes: (a) função geral - todos os elementos centrais são patenteados na execução de uma tarefa; (b) função organizativa - determina a essência das ligações que se constituem entre os elementos da representação. Quanto aos elementos periféricos, são-lhe atribuídos três funções essenciais: (a) função prescritiva - os elementos periféricos determinam os comportamentos a adotar e que posições tomar; (b) função de personalização das representações e das

condutas que lhe estão relacionadas – corresponde à flexibilidade das representações sociais como elementos periféricos; (c) funções de proteção do núcleo central – os elementos periféricos amparam o núcleo central [28, 30].

Ao longo das últimas décadas, foram realizados alguns estudos no âmbito do reconhecimento de estereótipos e preconceitos face aos idosos [31], reconhecendo-se a existência de sete estereótipos em relação aos idosos, basicamente, são considerados pessoas doentes, infelizes, improdutivas, dependentes, antiquadas e que sofrem de isolamento e de solidão. Foi realizado um estudo com adolescentes e adultos [32] para identificar adjetivos que qualificassem o idoso, onde se concluiu que os mais novos, têm perceções menos positivas do que os adultos em relação aos idosos. Num outro estudo [33] os idosos são vistos como inflexíveis, solitários, religiosos, improdutivos, doentes, depressivos, senis, frágeis e sem energia. Também em investigações sobre representações sociais do idoso e da velhice de diferentes faixas etárias, [34] para os idosos, o termo “Idoso” é associado à família, à reforma e à noção de atividade, enquanto para os adolescentes e adultos, o “Idoso”, encontra-se ligado à carência, sofrimento, experiência e, em alguns casos, sabedoria. Noutro estudo [35], realizado com adolescentes de escolas privadas e públicas sobre as representações da velhice, para os adolescentes, observou-se que estas estavam ancoradas em elementos que a consideravam como uma fase natural da vida, em que o idoso deve ter o descanso merecido, em face da sua trajetória de vida. Da análise, são reportados aspetos positivos e negativos, sendo o positivo traduzido pela independência (ser dono de si) e os negativos pela finitude. A independência, finitude e características de infantilização do idoso estão presentes nas representações dos adolescentes da escola privada, sendo esta uma diferença importante entre os dois grupos. Houve tendência maioritária para discursos com elementos positivos sobre a velhice nos conteúdos de representações produzidas por adolescentes da escola privada, podendo ser indicativo de que a situação financeira na velhice influa nas condições do envelhecimento, diminuindo algumas das dificuldades enfrentadas pelos idosos mais carentes. Mais recentemente, foi realizada uma pesquisa neste âmbito (36), cuja contribuição principal foi revelar que a juventude reconhece os pontos positivos e negativos da velhice, demonstrando, o que poderia ser denominado de imagem ambígua dessa fase da vida. A autora verificou que apesar dos jovens reconhecerem a importância dos velhos na sociedade, devido a fatores como a experiência, sabedoria e conhecimento, fazem a associação da velhice às perdas e aos problemas de saúde que acometem os idosos, expressas na aparência do corpo, pelo sentimento em relação a ele e ao que lhe acontece: enrugamento, encolhimento, descolorimento dos cabelos, ‘enfeimento”.

O estudo das representações sociais acerca dos idosos é um contributo indispensável para uma melhor compreensão dos processos cognitivos e afetivos dos adolescentes que circundam esta temática, promovendo a compreensão, consciencialização e mudança de atitudes face a esta problemática da sociedade atual. Como ponto de partida necessário para a mudança de atitude e comportamentos face à velhice, é necessário que se faça uma autoavaliação, envolvida na construção de um relacionamento sem julgamento com a pessoa mais velha para estarmos cientes dos nossos próprios valores e possíveis preconceitos [16]. Os profissionais de saúde têm um papel determinante na consciencialização e sensibilização, criando um ponto de partida para a mudança de pensamentos e atitudes perante diversas populações fragilizadas, incluindo os idosos.

Uma das áreas da saúde que mais pode contribuir para a inclusão social, desmistificando preconceitos, é a Terapia Ocupacional. Uma evidência que fortalece a pertinência do presente estudo, é o facto de em Portugal se verificar ao longo dos últimos anos a prevalência da população idosa em relação à população jovem. De acordo com INE as sub-regiões mais envelhecidas em Portugal são as pertencentes ao Alentejo e Lisboa (que registam ritmos de crescimento muito mais baixos do que as restantes, precisamente porque atingiram um grau de envelhecimento demográfico bastante elevado). Assim, este estudo justifica-se, sobretudo pela relevância social da investigação, pois investiga um grupo de adolescentes sensibilizando-os a pensar sobre a velhice numa sociedade em que a juventude é enaltecida quotidianamente. Além disso, contribui para o aprofundamento de discussões na área de estudo sobre a velhice e idoso e das representações sociais, gerando novos elementos a serem estudados e discutidos por outros investigadores. Tendo em conta o referencial teórico apresentado, destacam-se como objetivos deste estudo: (1) Identificar as representações sociais de jovens sobre o idoso e as suas possíveis variações em função da região onde residem (Alentejo e Lisboa); (2) Identificar os conceitos evocados instituídos ao núcleo central e elementos periféricos de acordo com as representações sociais de jovens sobre o idoso em função da região onde residem; (3) Verificar se existem diferenças significativas nas representações sociais de jovens sobre o idoso em função da região onde residem (Alentejo e Lisboa), no que respeita ao número, ordem e importância de evocações.

2. Metodologia

2.1 Natureza e Tipo de Pesquisa

Considerando a definição dos objetivos propostos, esta investigação é transversal, do tipo descritivo e comparativo. A metodologia de análise dados foi mista. Numa primeira fase, para análise das palavras evocadas, sua homogeneidade e constituição de categorias e subcategorias recorreu-se a uma metodologia qualitativa. Posteriormente, após categorização dos dados e para a sua exploração, relativamente ao número de evocações, ordem de evocação e a ordem de importância recorreu-se a análises quantitativas de inferências de dados.

Inicialmente descreveram-se as representações sociais de jovens sobre o idoso em função da região onde residem (Alentejo e Lisboa). Seguidamente comparou-se o número de evocações referidas pelos dois grupos em estudo sobre o termo indutor “Idoso” e verificou-se se as representações sociais dependiam significativamente do grupo em estudo. Deste modo, definiram-se como variáveis as representações sociais de jovens sobre o idoso (dependente) e a região onde residem (independente). Estabeleceram-se ainda como variáveis dependentes do estudo, o número de evocações de cada indivíduo de acordo com cada subcategoria, a ordem de evocação (disposição pela qual o indivíduo disse as evocações) e a ordem de importância (da evocação mais importante para a menos importante).

A recolha de dados, realizou-se primeiramente no concelho de Beja (Beja e Aljustrel) e numa segunda fase, no concelho de Vila Franca de Xira (Lisboa), em locais públicos. A técnica de amostragem utilizada foi não probabilística, accidental, tendo-se optado por estas regiões por conveniência dos investigadores.

2.2 Participantes

Definiu-se como população do estudo, jovens dos 10 aos 24 anos, residentes nas regiões do Alentejo e de Lisboa, identificando-se os seguintes critérios de inclusão: jovens de nacionalidade portuguesa; com idades compreendidas entre os 10 e os 24 anos de idade, residentes na região do Alentejo e de Lisboa e que não apresentassem alterações da compreensão verbal nem da audição que prejudicasse as respostas às entrevistas. A recolha de dados terminou quando se esgotou a informação, sendo a dimensão da amostra de 190 jovens. A distribuição amostral não foi homogénea, tendo participado 40 jovens residentes na zona do Alentejo e 150 na zona de Lisboa. Do sexo feminino participaram 109 jovens e 81 do sexo masculino (Lisboa N=86; sexo feminino e N=64 sexo masculino; Alentejo N=23; sexo feminino e N=17; sexo masculino).

2.3 Instrumentos

Para a recolha de dados recorreu-se a um questionário pré-estabelecido (baseado na técnica de evocação livre de [37]; no axioma de importância, [38] e na ordem de evocação, [39]. Este questionário, está dividido em duas partes, a primeira parte, composta pelo teste de associação livre de palavras e a segunda parte, onde se pretende recolher os dados sociodemográficos.

O teste de associação de palavras é uma técnica desenvolvida por Carl Jung para explorar os complexos no inconsciente pessoal [40]. O seu principal objetivo é obter uma resposta inconsciente, sem existir um processo cognitivo associado à mesma. Ou seja, numa primeira fase, é solicitado ao inquirido que exteriorize os seus verdadeiros pensamentos acerca do tema sem ter tempo para refletir acerca da resposta “socialmente correta”. Posteriormente, solicita-se aos participantes que atribuam uma ordem de significância a cada uma das evocações referidas para, numa terceira fase, composta pelo processo de desambiguação, o sujeito explicita o significado de cada evocação. O princípio subjacente à maioria das técnicas projetivas é que os entrevistados projetem os aspetos das suas próprias personalidades no processo de desambiguação de estímulos [40]. Relativamente ao questionário sociodemográfico, estão incluídos os seguintes dados: idade, género, grau de parentesco com quem o entrevistado coabita e zona de residência. A aplicação da entrevista processou-se da seguinte forma: 1º solicitou-se a cada participante que evocasse até cinco palavras com o estímulo indutor [41]: “Diga cinco palavras que lhe vêm imediatamente à cabeça quando ouve a palavra “Idoso”); 2º considerou-se a ordem em que as palavras foram evocadas [38]; 3º solicitou-se aos participantes que enumerassem os

termos produzidos, segundo o grau de importância, do mais importante para o menos importante, numa escala de um a cinco [39]; 4º pediu-se aos participantes que definissem as expressões, ou conceitos evocados e requereu-se a sua justificação, no sentido de contextualizar o discurso de cada indivíduo.

3. Resultados

Com base nos resultados alcançados, obteve-se um total de 793 evocações relacionadas com o estímulo indutor “idoso”, com 606 diferentes termos. Depois da sua Lematização (análise de conteúdo de todos os termos evocados e da sua homogeneidade), definiu-se um sistema representacional reunindo em quatro categorias (Determinantes Biológicos, Determinantes Psicológicos, Determinantes Sociológicos) e 14 subcategorias (Ciclo vital, Modificações Fisiológicas e Biológicas, Dependência / Independência Funcional, Saúde e Doença, Cognição, Características de personalidade, Componentes Emocionais, Comportamentos e Atitudes, Família, Estatuto Social, Inclusão/Exclusão Social, Isolamento Social, Proteção Social, Aspetos Culturais). As subcategorias mais evocadas pelos jovens que participaram no nosso estudo, foram Estatuto Social (N=106;17,66%), seguida do Ciclo vital (N=98;16,17%) enquanto que a menos evocada foram os Aspetos Culturais (N=15;2,48%). Apresentam-se ainda como categorias importantes, a Proteção Social (N=50;8,25%) e a Inclusão/Exclusão Social (N=48;8,09%). Relativamente à distribuição de evocações por categorias, considerando as regiões onde foram recolhidas as entrevistas (Gráfico 1), apesar da dimensão amostral ser consideravelmente maior na região de Lisboa, consegue-se perceber que enquanto o Estatuto Social é uma categoria altamente evocada pelos jovens da região de Lisboa, no Alentejo apenas foi evocada 2 vezes. De salientar ainda que os jovens do Alentejo fazem evocações relacionadas com Aspetos Culturais, com frequência elevada enquanto os jovens de Lisboa, não fazem qualquer evocação para este elemento de análise.

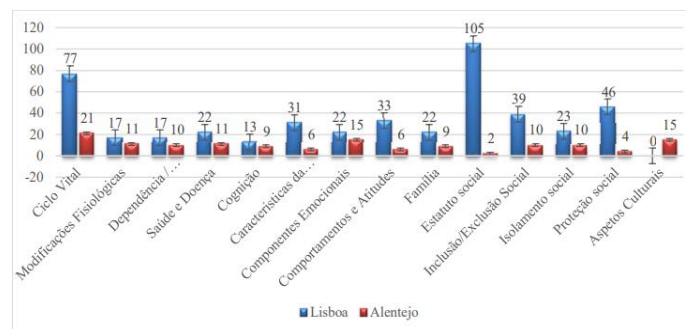


Gráfico 1: Análise da distribuição da frequência das evocações por subcategoria, consoante a residência

A significância da diferença entre as médias de evocação dos jovens da região de Lisboa versus as dos jovens do Alentejo foi avaliada pelo teste t-Student para amostras independentes (tabela 1). Na tabela 1 observam-se diferenças significativas no número de evocações relativas às subcategorias Ciclo Vital e Estatuto Social. Relativamente à primeira, os jovens da região de Lisboa evocaram em média 1,19 (SEM=0,052) elementos com ela relacionados, enquanto os jovens do Alentejo evocaram em média 1,76 (SEM=0,194). Regista-se ainda que as diferenças observadas entre o número médio de evocações dos dois grupos, são estatisticamente significativas ($t(23) = -2,822; p = 0,01$), aceitando-se, com um IC a 95%, que a média de evocação para esta subcategoria é significativamente superior nos jovens da zona de Lisboa.

No que respeita ao Estatuto Social os jovens da zona de Lisboa evocaram em média mais elementos desta subcategoria do que os jovens da zona do Alentejo, (respetivamente $m=1,55; SEM=0,077$ e $m=1,00; SEM=0,000$), confirmando-se a existência de diferenças significativas entre os dois grupos de participantes ($t(104) = 7,218; p = 0,00$). As médias de evocação da subcategoria Estatuto Social é idêntica nos jovens da zona de Lisboa e nos Jovens da zona do Alentejo.

Tabela 1. Comparação dos Valores médios da frequência de evocações nos dois grupos em estudo.

Subcategorias	Região	N	Média	Desvio Padrão	Erro-padrão da média	p-value
Ciclo Vital	Lisboa	77	1,19	±,460	,052	0,01
	Alentejo	21	1,76	±,889	,194	
Estatuto Social	Lisboa	105	1,50	±,784	,077	,000
	Alentejo	2	1,00	±,000	,000	

No que diz respeito à ordem média de evocação (gráfico 2), tanto os jovens da zona Lisboa como os da zona do Alentejo evocaram, em média, em primeiro lugar os elementos que constituíram a subcategoria Estatuto Social, seguida do Ciclo Vital. Para ambos os grupos, em média, em 3º lugar de evocação emergem as subcategorias Família e Cognição, repetindo-se a tendência apresentada anteriormente para a totalidade da amostra.

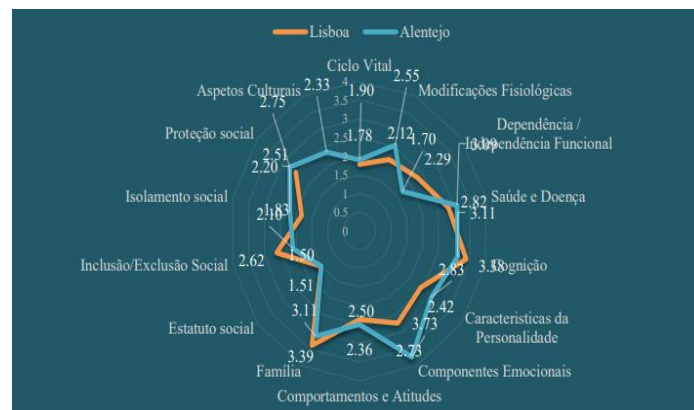


Gráfico 2: Análise da média da ordem de evocação, por subcategoria, consoante a residência

Como definido anteriormente, verificámos se as ordens médias de evocação de cada subcategoria dependiam da zona onde residiam os jovens (tabela 2). Realizámos os procedimentos estatísticos anteriormente descritos para o número de evocações e, pelos resultados do t-Student, apenas na subcategoria Componentes Emocionais encontramos diferenças significativas ($t(35) = -2,270$; $p = 0,029$), sendo os jovens alentejanos quem mais evoca aspetos relacionados com Componentes Emocionais.

Relativamente à ordem média de importância, observa-se no gráfico 3 que os jovens residentes no Alentejo dão muita importância a aspetos relacionados com a Dependência/Independência Funcional, Saúde e Doença, Cognição e Características da Personalidade. Já os residentes na zona de Lisboa revelam como mais importantes as características da personalidade, comportamentos e atitudes, Estatuto Social e o Isolamento Social.

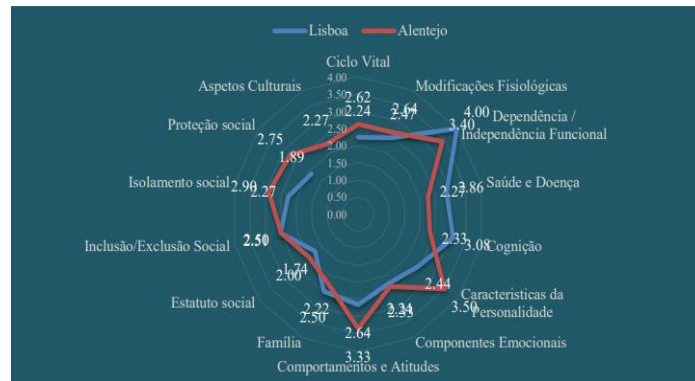


Gráfico 3: Análise da média da ordem de importância, por subcategoria, consoante a residência

Com o propósito de averiguar se para cada uma das subcategorias identificadas, existiam diferenças significativas na ordem média de importância relativamente à zona de residência dos jovens, realizámos os procedimentos estatísticos anteriormente descritos e, para nenhuma das subcategorias se registaram diferenças significativas, aceitando-se que a distribuição das médias da ordem média de importância das subcategorias, no grupo de jovens que reside na zona de Lisboa é idêntica à dos jovens que residem na zona do Alentejo.

Relativamente ao principal objetivo desta investigação, em que se pretendia identificar as representações sociais de jovens sobre o idoso e as suas possíveis variações em função da região onde residem (Alentejo e Lisboa), serão apresentados nas linhas que se seguem (tabela 2).

Tabela 2. Análise do Quadro de Quatro Casas: Evocações livres ao termo indutor “Idoso”.

O.M.E	≤ 2,12			≥ 2,12		
f média	Termo Evocado	f	O.I.	Termo Evocado	f	O.I.
	Elementos Centrais			Elementos da 1ª Periferia		
≥33	Estatuto Social	106	1,75	Proteção Social	50	1,96
	Ciclo Vital	98	2,32	Inclusão/Exclusão Social	48	2,51
	Isolamento Social	33	2,47	Comportamentos e Atitudes	39	2,74
				Componentes Emocionais	37	2,28
				Características da Personalidade	37	2,61
				Saúde e Doença	33	2,67
				Modificações Fisiológicas	28	2,54
	Elementos de Contraste			Elementos da 2ª Periferia		
<33	Dependência Funcional	27	3,63	Família	31	2,41
				Aspetos Cognitivos	22	2,77
				Aspetos Culturais	15	2,27

Para a totalidade da amostra, conforme pode ser observado na tabela 2 as cognições associadas ao núcleo central, apresentadas no 1º quadrante do quadro de 4 casas, foram a Estatuto Social, Ciclo Vital e Isolamento Social, uma vez que se encontram no quadrante superior esquerdo, o que significa que estas evocações têm uma maior importância no esquema cognitivo nos jovens da nossa amostra. Estes elementos têm um forte valor simbólico, pois encontram-se diretamente ligados à memória coletiva e à história do grupo, ou seja, evidenciam o que representa para estes jovens o ser “idoso”, mas esta representação, de acordo com a teoria está fortemente associada a condições históricas, sociológicas e ideológicas onde estes jovens estão inseridos, isto é, aos aspetos culturais por si absorvidos.

Os demais quadrantes trazem os elementos do sistema periférico da representação social, com a seguinte distribuição: No quadrante superior direito - 2º Quadrante (Proteção Social, Inclusão/Exclusão Social,

Comportamentos e Atitudes, Componentes Emocionais, Características da Personalidade, Saúde e Doença, Modificações Fisiológicas) e, no quadrante inferior esquerdo – 3º Quadrante (Dependência Funcional) estão listados, em ordem decrescente, os elementos que pelos critérios de análise de frequência de evocações e de ordem média de citação estão abaixo dos elementos do 1º Quadrante mas que são partilhados pelo grupo analisado, formando assim o sistema periférico da representação social em análise. No quadrante inferior direito – 4º Quadrante (Família, Aspectos Cognitivos, Aspectos Culturais), estão listados os elementos cujas ocorrências indicam aspetos que, apesar de presentes nas evocações, não apontam necessariamente para um compartilhamento dos mesmos no grupo pesquisado, indicando apenas percepções ou experiências individuais dos entrevistados.

4. Discussão dos Resultados

A compreensão dos participantes sobre o processo de envelhecimento responsabiliza o idoso de uma situação positiva ou de ganho, ou de uma situação negativa ou de perdas. Parece caber a ele decidir se quer ser um idoso ativo ou um “velho” inativo. O conjunto dos grupos estudados parece pensar a velhice a partir do binómio: velhice boa e velhice má [18]. A velhice boa implica saúde, atividade, bom relacionamento familiar, alegria, atividade, “espírito jovem” e religiosidade. E a velhice má é aquela marcada pelas doenças, perdas, problemas de relacionamento com os filhos, sofrimento, inatividade e dependência. Para que o envelhecimento seja uma experiência positiva, o idoso deverá ter oportunidades contínuas de saúde, aumentando assim os níveis de participação e segurança, contribuindo para a promoção da sua própria saúde e bem estar, não responsabilizando exclusivamente o idoso acerca das oportunidades e consequências que integram o seu processo [2]. Há outro aspeto do conhecimento compartilhado sobre o envelhecimento que parece não depender da região: todos apresentam dificuldade em considerar esta etapa no contexto do processo do desenvolvimento. Este processo é pensado como uma etapa estanque da vida, a velhice, e centrado na figura do velho, em contraposição ao termo mais positivo: idoso. No entanto, alguns dos elementos da teoria lifespan [3], relativos às perdas e ganhos deste processo vital, bem como às ideias de atividade, autonomia e cuidado com a saúde, que constituem o conceito de envelhecimento positivo desenvolvido pelo autor, estavam presentes nas teorias do senso comum, sendo compartilhados pelos participantes, deixando clara a difusão e aceitação desses conhecimentos científicos por parte dos grupos pesquisados. Outros autores [1,6] acrescentam que o processo de envelhecimento humano varia de pessoa para pessoa e que a velhice alterna consoante a história e o percurso de vida do idoso, valorizando os aspetos culturais como um fator importante no desenvolvimento do envelhecimento. Assim, verifica-se uma significativa discrepância entre o conhecimento científico e os resultados obtidos acerca do envelhecimento [32, 33, 34, 35]. Relativamente ao Estatuto Social, é referido que os idosos podem ser considerados “inferiores” aos adultos de meia idade, em termos de poder social, riqueza, respeito e influência. No que diz respeito ao Ciclo Vital, são enfatizados os efeitos dos eventos desencadeantes e as experiências do ciclo de vida que decorrem em interação com o ambiente físico, social e político [20, 31]. Assim, alguns elementos que influenciam o bem-estar do idoso, são mutáveis ao longo da vida, como o capital social, humano e financeiro, bem como o ambiente em que ele integra [33]. Relativamente à ordem de importância, em geral, os participantes consideraram significativamente com maior importância as evocações enquadradas no Estatuto Social e na Proteção Social.

Os jovens do nosso estudo associam a ideia de “idoso” às relações familiares; à noção de atividade que diferencia ser idoso (ativo) ou ser velho (passivo); à ideia de “espírito jovem”; e à ideia de reformado, como um meio, por vezes insuficiente, para manter a qualidade de vida. Constroem uma ideia, muitas vezes vinculada à carência e ao sofrimento (perdas físicas e psicológicas), mas também à experiência e sabedoria (Aspetos Culturais), indo ao encontro dos resultados de outras investigações [18, 31, 33, 34] que sugerem a atribuição de uma conotação negativa a este processo.

5. Considerações Finais

Os resultados deste estudo indicaram que o facto de surgirem na amostra, imagens positivas, neutras e negativas acerca do idoso, corrobora alguns estudos em que os resultados também apresentam uma variabilidade em termos de percepções sobre o idoso e o envelhecimento, refletindo a grande complexidade em que consiste esse processo. Neste estudo, ficou também perceptível de que a forma como o idoso é

estereotipado, é um processo subjetivo que varia de pessoa para pessoa e que pode variar, também, consoante a zona onde os jovens residem. As representações sociais atribuídas aos idosos influenciam significativamente o modo como a sociedade interage face à velhice, às crenças e às atitudes que adota. Influenciam igualmente o autoconceito do idoso, no decurso do seu processo de envelhecimento. De facto, o contacto diário com idosos revela que as crenças refletidas pela sociedade, relativamente a esta população, são erradas e baseadas em preconceitos e estereótipos que degradam a imagem da velhice. As necessidades evolutivas dos idosos requerem um foco de atenção não apenas sobre o declínio e mudança, mas também sobre a manutenção do controlo da sua vida. Assim, a compreensão dos pensamentos que se encontram enraizados na população jovem, irá influenciar diretamente o comportamento dos jovens com a população idosa. Esta compreensão, permite ao Terapeuta Ocupacional entender quais os pensamentos intrínsecos que poderão determinar algumas atitudes perante os idosos. Posteriormente, o Terapeuta Ocupacional poderá intervir, no sentido de sensibilizar a população em diversos contextos, de como poderão modificar algumas atitudes de cariz negativo, criando um ambiente social adequado, promotor do desempenho ocupacional na população idosa. Olhar para os idosos, como pessoas heterogêneas, como alguém que tem vontade própria, que sabe o que quer, com autonomia e independência, é um direito alienável que lhes cabe, cabendo igualmente ao Terapeuta Ocupacional ser um agente de mudança e promotor de atitudes e comportamentos adequados na sociedade. Apesar das implicações práticas deste estudo, ele apresenta algumas limitações (devido ao enquadramento de tempo disponível, uma vez que decorreu em pleno período de pandemia), nomeadamente pelo facto de a amostra inquirida não ser representativa da população portuguesa, e como tal, os seus dados não devem ser generalizados a toda a população. Ainda assim, podemos refletir sobre as representações que os jovens têm sobre idoso e como essas representações perspetivam as suas ações. Outra das limitações do estudo é o da desejabilidade social, ou seja, a tendência para se responder de acordo com o que se associa a uma maior aprovação social.

Este estudo, pode ser o ponto de partida para uma investigação mais aprofundada, onde será pertinente desenvolver mais pesquisa que contorne as limitações apontadas, nomeadamente no aumento do número participantes e de diferentes estratos populacionais. Poderá igualmente associar-se a possibilidade de desenvolver outros tipos de metodologias de análise de dados, para obtenção de mais informação, visando atingir uma melhor compreensão deste tipo de fenómeno.

6. Referências

1. Netto PM. Estudo da velhice no século XX: histórico, definição do campo e termos básicos. In E. Freitas L, Py AL, Neri FAX, Cançado ML, Gorzoni, Rocha SM. Tratado de geriatria e gerontologia (2-12). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2002.
2. Andrade N B, Novelli MPC. Perfil cognitivo e funcional de idosos frequentadores dos Centros de Convivência para idosos da cidade de Santos. Cad. Bras. Ter. Ocup. 2015; 23(1): 143-152. DOI: 10.4322/0104-4931.ctoAO0535
3. Baltes P B. Theoretical propositions of the lifespan developmental psychology: On the dynamics between growth and decline. Dev Psychol. 1987; 23: 611-696. DOI:10.1037/0012-1649.23.5.611
4. Neri AL. Psicologia do Envelhecimento: Temas selecionados na perspectiva de curso de vida. Campinas: Papirus. 1995.
5. Organização Mundial Saúde. Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde. 2015 [Consultado em 22 de Maio de 2022]. Available from: https://apps.who.int/iris/bitstream/10665/186468/6/WHO_FWC_ALC_15.01_por.pdf.
6. China DL, Frank Isabela MJ, da Silva B, de Almeida EB, da Silva TBL. Envelhecimento Ativo e Fatores Associados. Rev. Kairós. 2021; 24(Especial 29, "Transdisciplinaridade: um modelo de trabalho em Gerontologia"): 141-156. DOI: <http://dx.doi.org/10.23925/2176-901X.2021v24iEspecial29p141-156>.
7. Daniel F. Caetano E, Monteiro R, Amaral I. Representações sociais do envelhecimento ativo num olhar genderizado. Anál. psicol. 2016, 34(4): 353-364. DOI: 10.14417/ap.1020
8. Hockey J, James A. Social identities across the life course. Nova York: Palgrave Macmillan. 2003.
9. Hepworth M. Stories of ageing. Buckingham: Open University Press. 2000.
10. Gaspar T, Gómez-Baya D, Torres IL, Cerqueira A, Correia MF, Matos MG. Impacto dos fatores psicossociais de risco na qualidade de vida da população no processo de reforma. Psicologia. 2020; 34: 121-134. DOI:10.17575/psicologia.v34i1.1496.
11. Uchôa, E. Contribuições da antropologia para uma abordagem das questões relativas à saúde do idoso. Cad. de Saúde Pública. 2003; 9(3): 849-853. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2003000300017>.
12. Beauvoir SA. Velhice. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1990.
13. Moreira V, Nogueira FNN. Do indesejável ao inevitável: a experiência vivida do estigma de envelhecer na contemporaneidade. Psicol. USP. 2008; 19(1): 59-79. DOI: 10.1590/S0103-65642008000100009.

14. Aguiar VFF, Soares TB, Anjos AFS, Paz JVC, Amorim JA, Torres MCS, Sousa JB, Araújo LF de, Ferreira M de NGP, Santos JGN dos, Rangel GB. A intergeracionalidade entre idosos e adolescentes na busca da desconstrução de estereótipos na velhice: relato de experiência. REAS [Internet]. 2 maio 2019 [citado 25 maio 2022];(23):e413. Available from: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/413>.
15. Gross CB, Kolankiewicz ACB, Schmidt CR, Berlezi EM. Níveis de fragilidade de idosos e sua associação com as características sociodemográficas. Acta Paul. Enferm. 2018; 31(2): 209–216. DOI: 10.1590/1982-0194201800030
16. McIntyre A, Atwal A. Occupational Therapy and Older People (1ªEd.). New Jersey: John Wiley & Sons. 2005.
17. Gomes EAP, Vasconcelos FG, Carvalho JF. Psicoterapia com Idosos: Percepção de Profissionais de Psicologia em um Ambulatório do SUS. 2021. *Psicol. cienc.* 41. DOI: 10.1590/1982-3703003224368.
18. Minó NM, Vaz de Mello RMA. Representação da velhice: reflexões sobre estereótipo, preconceito e estigmatização dos idosos. OKS [Internet]. 29 maio de 2021 [citado 31 de maio de 2022]; 32(1):273–98. Available from: <https://periodicos.ufv.br/oikos/article/view/9889>
19. Marques S. Discriminação da Terceira Idade. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos. 2011.
20. Maximiano-Barreto MA, Luchesi B M, Chagas MHN. Implicit attitudes toward the elderly among health professionals and undergraduate students in the health field: a systematic review. *Trends in Psychiatry and Psychotherapy.* 2019; 41(4): 415–421. DOI: 10.1590/2237-6089-2018-0108.
21. Rateau P, Moliner P, Guimelli C, Abric JC. Social representation theory. 2012; 2: 477–497. DOI: 10.4135/9781446249222.n50.
22. Vala J, Monteiro MB. Psicologia social (9ª ed). Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian. 2013.
23. Jodelet D. Representações sociais: um domínio em expansão. In Jodelet, D. (Ed.), *As Representações Sociais* (pp. 17–44). Rio de Janeiro, Brazil: Editora da UERJ. (2001). Available from: <http://www.europend.net/bibliographic-item/representacoes-sociais-um-dominio-em-expansao>.
24. Crusoé NMC. A Teoria da Representações Sociais em Moscovici e a sua Importância para a Pesquisa em Educação. *Cad. de Filosofia e Pisc. da Educação.* 2004; 2: 105–114. Available from: <https://periodicos2.uesb.br>.
25. Moscovici S. Representações sociais: investigações em Psicologia Social (3ªed.). Petrópolis: Editora Vozes. 2005.
26. Marková I. Social representations as anthropology of culture. In J. Valsiner (Ed.). *The oxford handbook of culture and psychology* (pp. 487– 512). New York: Oxford University Press. 2012.
27. Moscovici S. The phenomenon of social representations. In R M. Farr, S Moscovici (Eds.). *Social representations* (pp. 15–31). Cambridge: Cambridge University Press. 1981.
28. Abric JC. Central system, peripheral system: their functions and roles in the dynamics of social representations. *Papers on Social Representations.* 1993; 2(2): 75–78. Available from: <https://psr.iscte-iul.pt/index.php/PSR/article/view/126/90>.
29. Abric JC. *Pratiques sociales et représentations.* Paris: Presses Universitaires de France. 1994.
30. Flament C. Structure, dynamique et transformation des représentations sociales. In JC, Abric (Ed.), *Pratiques sociales et représentations* (pp. 37–57). Paris: Presses Universitaires de France. 1994.
31. Durão M. Discriminação em Razão da Idade: Estereótipos na Comunicação Social. *RECIMA21.* 2022; 3(5):351–485. Available from: <https://www.recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/1485>.
32. Molina del Paral JA. Estereotipos hacia los ancianos. Estudio comparativo de la variable edad. *Revista de psicología general y aplicada: Revi. de Psicol. Gral Y Aplic.* 2000; 53(3): 489–501. Available from: https://www.academia.edu/33811203/Estereotipos_hacia_los_ancianos._Estudio_comparativo_de_la_variable_edad.
33. Nussbaum, JF, Pitts MJ, Huber F. N, Krieger, JLR, Ohs JE. Ageism and Ageist Language Across the Life Span: Intimate Relationships and Non-intimate Interactions. *Journal of Social Issues.* 2005 61(2): 287–305. DOI: 10.1111/j.1540-4560.2005.00406.x.
34. Magnabosco-Martins, CR; Vizeu-Camargo B, Biasus F. Representações sociais do idoso e da velhice de diferentes faixas etárias. *Univ. Psychol. Bogotá Colômbia.* 2009 8(3):831–847.
35. Pereira RF, Freitas MC, Ferreira MA. Velhice para os adolescentes: abordagem das representações sociais. *Rev. bras. enferm.* 2014; 67(4): 601–609. DOI: 10.1590/0034-7167.2014670416.
36. Herédia V, Bonvolini J. Representações da Velhice no olhar dos jovens. In D'ALENCAR R. (Ed.). *A representação social na construção da velhice* (pp. 171–188). Editora da UESC. 2020. Available from: www.jstor.org/stable/10.7476/9788574554860.11. 2017.
37. Abric JC. L'approche structurelle des représentations sociales: developpements récents. *Psychologie & Société.* 2002; 4(12): 81–103. Available from: <http://reec.uvigo.es> › REEC_12_3_7_ex747.
38. Abric JC. O estudo experimental das representações sociais. In D. Jodelet (Ed.). *As representações sociais* (pp. 155–171). Rio de Janeiro: UERJ. 2001.
39. Vergès, P. Ensemble de programmes permettant Vanalyse des évocations. Manuel d'utilisateur. Aix en Provence: Université Aix en Provence. 1999.
40. Spiteri, L. (2005). Word Association Testing and Thesaurus Construction: A Pilot Study. *Cataloging & Classification Quarterly.* 40. 55–78. https://doi.org/10.1300/J104v40n01_05.
41. Oliveira DC, Marques SC, Gomes, MT, Teixeira MCTV. Análise de evocações livres: uma técnica de análise estrutural das representações sociais. In ASP. Moreira B Camargo, JC, Jesuíno SM Nóbrega (Eds.). *Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais* (pp.573–603). João Pessoa, UFPB. 2005.